

порт/н
С-529



СЕНТЕНК
О SONHO

ŤARAS ĆHEWTĆHENKŐ

O SONHO

SOCIEDADE DOS AMIGOS DA CULTURA UCRANIANA

CURITIBA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO

1980

Tradução do Ucrainiano: Wira Selanski

Revisão: Rui Capdeville

Série VERTÉP:

- 1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS**
- 2. Tarás Chewtchenko: O SONHO**

Capa.: WW



TARÁS CHEWTCHENKO: AUTO-RETRATO DE 1840

O ENCONTRO DAS IDÉIAS NA OBRA DE TARÁS CHEWTCHENKO E ANTÔNIO DE CASTRO ALVES

O Romantismo foi uma época de sentimentos generosos, profundos, telúricos que produziu frutos agrestes, às vezes amargos; saboreando-os, as pessoas chegavam a um conhecimento mais intenso de si mesmas, das suas origens e da sua originalidade.

Já na época de pleno Iluminismo, encontramos as premissas do pensamento romântico no pronunciamento de Johann Gottfried Herder (1744-1803) que sentiu a Religião e a Língua Materna como maiores revelações do espírito humano, vendo na Poesia a língua primitiva da humanidade. Foi Herder quem colocou a criação anônima, popular, ao lado das grandes obras da literatura mundial e primeiro chamou a atenção do mundo ocidental sobre o alto nível das Literaturas Eslavas.

A segunda escala pré-romântica foi o movimento de “Sturm und Drang” (chamado também de “época dos gênios”), cujos maiores representantes Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805) nunca pertenceram ao movimento romântico propriamente dito. Em 1774, Goethe compôs seu abalador romance OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER, carimbado de “Weltschmerz” (= sofrimento do mundo), que tanto marcou sua geração e ainda cem anos mais tarde iria influenciar a segunda fase dos românticos brasileiros. Em 1775 surgiram o fragmento PROMETEU e o drama GOETZ VON BERLICHINGEN, tendo como idéias centrais a Revolta e a Liberdade.

Em 1782, foi levada ao palco em Mannheim a peça OS SALTEADORES de Schiller que coloca como personagem central um nobre revoltado contra a injustiça dos poderosos e protetor dos infelizes e explorados.

Liberdade, igualdade, fraternidade que nutriram a Revolução Francesa e gritavam morte ao tirano eram ideais do Romantismo.

Uma vez cristalizado o pensamento romântico, foi gerado grande interesse pelo passado, dedicação à pesquisa histórica e cultural das épocas remotas, particularmente da Idade Média e do Barroco. O Romantismo fazia menos alarde de que “Sturm und Drang”, mas atuava nas raízes, provocando o surgimento de valiosas coletâneas da arte folclórica e traduções de alta sensibilidade. A emoção e o heroísmo são o clima predileto dos românticos. Novalis (1772-1801) embriaga-se com a idéia do Amor-Morte, nos HINOS À NOITE, e procura a “flor azul”, a saudade inalcançável, no seu romance feérico HEINRICH VON OTERDINGEN; Lord Byron (1788-1824) cria figuras indomáveis em MAZEPA e MANFRED e morre pela liberdade da pátria do Belo, a Grécia; Victor Hugo (1802-1885) faz estremecer as consciências adormecidas com seus MISERÁVEIS.

Os povos ainda sem liberdade nacional tomam, então, plena consciência das idéias novas, exigindo antes de mais nada sua libertação política e cultural. No século XIX, a Noruega, p. ex., consegue libertar-se da tutoria dinamarquesa e começa a idealizar seu passado glorioso da época dos vikings.

No entanto, são principalmente os povos eslavos, sofrendo por séculos a opressão do Império Russo, que vão conscientizar sua originalidade nacional frente ao invasor, enchendo-se por um lado de ódio mortal contra a injustiça social, pois até a 7.^a década do século XIX havia ainda escravidão para os camponeses no Leste europeu, e por outro, crescendo no seu orgulho histórico-político, lembrando-se das suas origens e descobrindo a riqueza do seu folclore: mitos, costumes, crendices, contos, lendas e baladas. Novamente a figura do bardo, o cantador e o músico popular, é uma figura venerada, quase sagrada.

É típico, para a situação do Leste europeu, o exílio físico e espiritual do poeta romântico. Basta citar Adam Mickiewicz (1798-1855), o maior poeta polonês que escreveu sua famosa epopéia SENHOR TADEU no exílio, lem-

brando sua pátria longínqua. A Polônia, esquarterada pelo Império Russo nos anos de 1831 a 1839, produziu numa época de plena derrota política obras que imortalizaram seu gênio, tais como LILLA WENEDA de Juliusz Slowacki (1801-1849) e as revoltadas “Polonaises” de Federic Chopin que morreu também no exílio, em 1849.

A situação política da Ucrânia era ainda mais dolorosa. Até os meados do século XVII, a Ucrânia, como na mesma época a Alemanha, compunha-se de vários condados e ducados de contornos flexíveis. Em meados do século XVI, formou-se nas terras centrais ucranianas uma organização militar nacional, a Ordem dos Cossacos, que visou à defesa dos territórios nacionais contra os invasores, principalmente turcos, mas também contra as pretensões colonizadoras das coroas polonesa e russa. O século XVII significa para a Ucrânia uma fase de florescimento cultural: é a época dos ghet'mans, dos chefes cossacos, eleitos democraticamente pelos seus confrades, que protegiam o bem-estar da nação. Neste tempo, erguem-se pela Ucrânia inteira belas obras arquitetônicas: palácios, mosteiros, academias, igrejas, cujo estilo próprio é conhecido como “barroco ucraniano”. O país passa a ter uma rede densa de escolas; agricultura, comércio e corporações profissionais florescem.

Em 1654, no entanto, o ghet'man dos cossacos, Boghdán Khmelnytsky, fez um tratado de união com o czar russo que devia assegurar a proteção do território ucraniano contra os turcos e os poloneses. Este Tratado de Pereyaslaw tornou-se a maior desgraça nacional da Ucrânia pois, pela primeira vez na história, o czarismo russo firmou seus pés no solo ucraniano.

O século XVIII favoreceu a rápida expansão da Rússia, e a situação política, econômica e cultural da Ucrânia decaía mais e mais. Os fidalgos estrangeiros exploravam o povo, cometiam impunes todas as espécies de injustiças, reduzindo a cultura do país a um estado vegetativo, ridicularizando a “língua dos campônios” e proibindo a expansão livre de sua literatura.

Debalde tentou o ghet'man Iván Mazepa, através da união com Carlos XII da Suécia, uma libertação da Ucrânia: as tropas aliadas foram derrotadas pelo czar Pedro I

da Rússia, na batalha de Poltava, em 1709⁹. Em 1775, Catarina II da Rússia mandou destruir a sede dos cossacos que se encontrava numa ilha do rio Dnipró, dispersando o exército nacional ucraniano. Terminou uma fase gloriosa da história da Ucrânia, muito elogiada e cantada pelos românticos, particularmente querida a Tarás Chewtchenko, o bardo por excelência da nação ucraniana até os dias de hoje, que simboliza em sua pessoa o sofrimento e as esperanças enganadas da sua pátria.

Quando se entra, ainda hoje, numa casa ucraniana, pode-se encontrar freqüentemente o retrato do poeta junto aos ícones dos santos, ornado como estes com uma toalha bordada, em sinal de grande veneração e estima. E ainda hoje, a palavra do poeta não perdeu nada de sua validade frente à nova constelação política do seu país, pois as declamações dos poemas de Chewtchenko pelos jovens universitários de Kyiw junto a sua estátua no parque são tomadas como afronta pelos órgãos políticos soviéticos, causando inúmeros mártires modernos que trilham os mesmos caminhos do próprio poeta e dos seus heróis: da Ucrânia até os cativeiros e campos de trabalhos forçados na Sibéria, nas minas dos montes Urais, ou às fortalezas-prisões junto ao Mar Cáspio.

Tarás Chewtchenko nasceu a 9 de março de 1814, na aldeia de Moryntsi, na região de Tcherkassy. Dois anos mais tarde, a família mudou-se para a aldeia Kyryliwka. O futuro poeta se tornou cedo órfão de pai e mãe, disso falam seus poemas autobiográficos. Cedo conheceu miséria e injustiça. Ainda criança, foi obrigado a ser pastor de ovelhas alheias. Menino de treze anos, conscientiza sua condição de servo e órfão, chorando de mágoa, vendo de repente que a paisagem da sua aldeia era ofuscada pela miséria, dor, exploração. Uma amiga consola o menino com um beijo, e as duas crianças vão conduzindo as ovelhas de volta, esquecidas novamente da terrível realidade. Disso nos conta o poema EU PASSAVA DE TREZE ANOS. Um outro dedicado a ANDRY KOZATCHKOWSKY, narra a experiência na casa do sacristão que lhe forneceu os estudos elementares: uma vez, Tarás roubou ao beerrão uma pequena moeda, adquiriu com ela uma folha de papel e, dobrando-a, fabricou um caderno, enfeitando

em torno suas páginas de desenhos e anotando aí seus primeiros versos. Foi por causa deste roubo, diz o poeta, que Deus o castigou a vida toda, enviando-o para longe da sua terra.

A necessidade de criar era para Chewtchenko uma demanda imperiosa, categórica. Seu talento poético desenvolvia-se junto com o talento de pintor, e a vontade de aprender pintura trouxe-o à propriedade do senhor Engelhardt, na aldeia de Vilchany. Tornou-se pagem, usando o tempo livre de serviço para a prática de desenho. Com seu senhor, que nem sempre era compreensível com as ânsias artísticas do seu pagem, viajou a Vilna, depois a Petersburgo onde teve oportunidade de estudar quatro anos pintura e conhecer obras dos grandes vultos artísticos nacionais e estrangeiros. O jovem pintor tornou-se conhecido. Em 1838, seus compatriotas, amigos e admiradores compram sua carta de liberdade, e Chewtchenko principia a freqüentar a Academia de Belas Artes.

No entanto, muito mais do que a Academia de Petersburgo, deram-lhe a sabedoria do seu povo, a beleza da sua arte anônima, as canções da sua mãe que morreu ainda jovem e da sua irmã mais velha, Catarina. Dos ambulantes tocadores de kobza, lira e bandura, o poeta colhia a música do povo, proveniente dos tempos remotos, com avidez escutava baladas, as “dumy” históricas. Ele via que o povo miserável, não tendo meio de adquirir na cidade aquilo de que necessitava, fabricava para si mesmo objetos de uso diário, emprestando-lhes rara beleza de formas e colorido; a ânsia de uma vida mais feliz refletia-se nas pinturas das paredes das casas, nos ornamentos das portas, nos azulejos das lareiras, nos bordados das toalhas, ou nas tênues filigranas dos tradicionais ovos de Páscoa. Tudo isso lhe falava de uma cultura antiga e menosprezada, mas que possuía força para irromper um dia como poderoso vulcão.

O movimento que visava à libertação da servidão dos camponeses (a Fraternidade Cirilo-Methodiana), conhecimento de personalidades políticas progressistas, o levante dos decabristas, a leitura sistemática, o teatro, os concertos, as exposições de arte encarregam-se da formação ideológico-artística do poeta.

Chewtchenko pretendia publicar seus primeiros poemas no almanaque ANDORINHA do seu amigo, o poeta Yewghén Ghrebinka. A publicação atrasa, e um ano antes da mesma, em 1840, surge a primeira edição do KOBZÁR (= O Tocador de Kobza), o livro mais importante da Literatura Ucraniana. Poucas obras do poeta foram publicadas separadamente, sendo hoje incluídas como partes integrantes do KOBZÁR. Esta obra oferece a imagem da Ucrânia, outrora gloriosa, feliz, florescente, mas depois ofendida, explorada, dolorida, esperando pelos dias vindouros da Justiça, da Verdade, da Liberdade.

Nos anos seguintes, Chewtchenko visitou sua pátria e seus parentes que ainda sofriam na servidão. O encontro com a juventude passada era penoso. Havia, no entanto, certas recompensas: trabalhando numa comissão arqueográfica, o poeta viajava pelas cidades e aldeias pátrias, olhando sua beleza e sua desgraça, fazia muitas anotações e sonhava tornar-se mais tarde lente na Universidade de Kyiw.

No entanto, em 1847, por causa da sua ligação com a Fraternidade Cirilo-Methodiana, o poeta foi preso e enviado a servir num batalhão na fortaleza de Orenburgo, nos Urais. Seu exílio permitia um certo grau de liberdade. Embora o czar Nicolau I da Rússia lhe tivesse proibido de pintar e escrever, Chewtchenko o fazia às escondidas. Neste período, tomou parte em várias expedições pelo interior do continente asiático, até o Mar de Aral. Uma denúncia de que estava desobedecendo à disciplina imposta aos presos causou sua detenção e condenação a prisões em Orsk, Uralsk e finalmente Novopetrowsk à beira do Mar Cáspio, onde passou sete anos muito duros que lhe roubaram resistência e saúde.

Apenas dois anos após a morte de Nicolau I, os amigos conseguem sua libertação e permissão de estabelecer-se em Petersburgo, já que a volta para sua pátria lhe foi negada. Regressando à liberdade, o poeta torna a dedicar-se com intensidade às atividades artísticas e literárias, encontrando, no entanto, grande dificuldade em publicar suas obras. Os temas abordados por ele eram incômodos ao governo czarista.

Só por pouco tempo e pela última vez, em 1859, o poeta pôde visitar a pátria. A morte o colheu no dia 10 de março de 1861 em Petersburgo, poucos dias antes da Abolição da Escravidão dos camponeses. Conforme seu desejo, seus restos mortais foram levados à Ucrânia e sepultados na Montanha do Monge em Kaniw, sobre o rio Dnipró, tão lindamente cantado por ele. Ainda hoje, este é o lugar de peregrinação para todos a quem é cara a poesia ucraniana.

Ao todo, Chewtchenko gozou apenas nove anos de liberdade. Os restantes, ele viveu como camponês-escravo, ou como preso ou exilado político, cujo único crime era amar sua pátria e viver para a poesia e a pintura.

A obra que Chewtchenko legou à posteridade pode ser dividida em quatro “momentos”:

- poesias líricas (autobiográficas, amorosas, patrióticas, filosóficas);
- baladas com fundo mítico-folclórico;
- poemas históricos;
- poemas “de destino”.

O primeiro grupo expressa toda a escala de emoções profundas, vacilando entre lembranças e saudades pungentes, queixas amorosas, o patriotismo fervoroso e a previsão profética dos tempos vindouros.

Repletos de mágoa e tristeza de não poder viver na sua Ucrânia querida são, entre outros, os poemas: TRÊS ANOS, CONTO NO CATIVEIRO DIAS E NOITES, SONHO (Meus altos montes...), as dedicatórias A OSNOVIANENKO (Bramem os saltos, surge a lua...) e A M. MARKEYTCH. NÓS CRESCEMOS JUNTOS lembra os tempos da infância e resume o destino amargo que veio em seguida.

As queixas amorosas, como NOITES VIRGENS e DUMKA I até IV alternam o personagem que fala (ora é a moça, ora é o cossaco). Trata-se, em geral, de amor que se frustrou, que não chegou a desabrochar, que foi impedido pelo destino ou pelos “homens maus”. O poeta mostra-se solidário com os amantes. Estes carregam em suas pessoas a imagem da beleza e do lirismo inocente, singelo e frágil, predestinado ao fim prematuro, causado pelo impacto com o mundo hostil externo.

Um outro clima emotivo mostrãr as põesias pãtrióticas, como a louvação ao poeta classicista ucraniano Iván Kotlarewsky (A ETERNA MEMÓRIA DE KOTLAREW-SKY), com bruscas mudanças de ritmo, que a tornam mais movimentada, irrequieta, e a poesia O LOUCO, sentimos revolta e zombaria. (Um louco é o único, no meio da gente com caráter de lacaios, que ousa bater no rosto o general Bibikov, o governador da região de Kyiw, Podila e Volínia. Chewtchenko o considera “o único cossaco no meio de pastores de porcos”).

Chewtchenko escreveu seu TESTAMENTO com grande emoção, unindo os sentimentos contraditórios de ódio com supremo amor, rebeldia contra Deus, em face às injustiças na Ucrânia, com uma piedade singela, — ambas as coisas tão características para a atitude romântica:

Quando eu morrer, deitai-me
Dentro da colina
No meio da estepe larga
Da amada Ucrânia.

De onde se vêm os campos,
Da messe floridos,
E de Dnipro alcantilado
Ouve-se o bramido.

Quando ele levar da pátria
Até o mar, com brados,
O sangue vil, inimigo,
Deixarei meus prados

E meus montes azulados,
Erguerei a prece
Até Deus, a quem minha alma
Hoje não conhece.

Sepultai-me e levantai-vos,
Irmãos algemados,
E regai a liberdade
Com sangue tirano.

Na família numerosá
Na feliz, na salva,
Lembrai-vos de mim com boa
Tranqüila palavra.

(Trad. Nicolás Hec e W. S.)

Finalmente, o poeta é também “a voz que clama no deserto”: o profeta, o mestre. O poema *AOS MORTOS, VIVOS E NÃO NASCIDOS* admoesta o povo para aprender o que é estrangeiro, mas de não renegar o que é nativo e “abraçar irmãmente o irmão menor”. O *TESTAMENTO* pede que a memória do poeta continue viva numa palavra amiga no meio da gente livre.

Ao segundo “momento” de obras chewschenkianas pertencem baladas com fundo mítico-folclórico. Todas elas possuem um elemento imponderável. Seu clima é feitiço, sortilégio, maldição, encantamento. Acontecem coisas maravilhosas, mas também terríveis. Estes elementos são provavelmente colhidos das credices populares e pertencem às camadas míticas mais antigas, pagãs. O belo é imbutido dentro do contexto de fantasmagórico. (Aspectos paralelos encontramos entre os mitos celtas e mitos germânicos). Na balada *O FREIXO*, a moça, cansada de esperar por seu bem-amado, vai à feiticeira à procura de remédio. Esta lhe oferece um filtro que deve ser tomado ao luar. Depois do primeiro gole, a moça esquece a mágoa do amor. Depois do segundo, ouve o trote do cavalo que lhe traz seu bem-amado. Depois do terceiro gole, a moça se transforma num freixo. A balada *SEREIA* conta que uma mãe afoga sua filha para que esta vingue sua desgraça da mãe no homem que a seduziu. No entanto, a mãe-pecadora continua festejando nos palácios, esquecendo-se da sua filha-russalka. Quando vai numa noite de luar passear junto ao rio, as sereias a pegam e matam com cócegas. Um tema parecido possui a balada *AFOGADA*: uma viúva tem ciúmes da sua filha mais bela do que a mãe e se mata com ela no rio. A filha se torna uma

russalka e causa a morte de um pescador jovem que se enamora dela. Na balada AÇUCENA, a filha bastarda de um fidalgo morre rejeitada por todos e renasce como açucena, para alegrar o povo que causou sua morte, cortando suas longas tranças. A balada FILHA DO SACRISTÃO fala sobre uma bela donzela rica que despreza num baile um pobre jovem o qual se vinga cruelmente: depois de alguns anos, ele volta rico e sedutor, desgraçando a soberba moça e, mais tarde, jogando seu filhinho no poço, acusando-a de crime perante o povo. A filha do sacristão é enterrada viva com sua criança afogada, e o amante diabólico torna-se imortal para seduzir outras jovens. Em DOIS FREIXOS, duas moças-feiticeiras se enamoram do mesmo cossaco. Ele brinca com ambas, não toma o amor a sério. Descobrendo isso, as moças o envenenam com uma poção e ficam transformadas em freixos que crescem no seu túmulo.

A parte mais significativa da obra de Chewtchenko abrange os poemas históricos. O passado da Ucrânia surge em ouro e púrpura, sangue e lágrimas, risos e cantos. Em geral, é o velho “kobzár”, o bardo, quem canta estas histórias ao povo como nos diz o poema PEREBENDIA. O velho sabe o que o povo gosta de ouvir: os rapazes preferem cantigas alegres sobre a hospedeira, os casados — sobre a sogra má, as moças — cantigas de saudades; há quem prefira cantigas religiosas, ou então históricas, como aquela sobre a destruição da sede dos cossacos, a Sitch Zaporoga. O velho kobzár, que sabe alegrar o povo, é solitário no seu meio. Ele não possui nem casa, nem riquezas, nem família. Seu lar é a estepe larga... Os poemas sobre o passado cossaco formam um ciclo especial. Chewtchenko lembra os chefes famosos, amados pelo povo: IVÁN PIDKOVA, que conduziu seus barcos ligeiros até Constantinopla contra os turcos; GHAMALIYA, que libertara os cativos companheiros numa destas expedições; Semén Paliy (O MONGE) que termina seus dias como monge no Mosteiro de Cristo entre os Montes (Mejyghirsky Spas). Outro chefe é lembrado no poema CHVATCHKA, louvando um ghet'man que chefou o levante do povo contra os nobres poloneses. NO DOMINGO SANTO fala sobre a escolha do ghet'man Iván Lobodá que por

causa da sua idade avançada transfere a chefia para Pauló Krawtchenko-Nalyvayko.

Um outro ciclo fala sobre as lutas da Ucrânia contra os fidalgos poloneses. O VALE FRIO lembra o levante dos “ghaydamaky”, dos camponeses ucranianos que se revoltaram contra a polonização do território pátrio, exterminando cruelmente os intrusos. O poema NOITE DE TARÁS descreve os acontecimentos de 1630 que terminaram com a vitória dos rebeldes. LEMBRO-ME NO CATIVEIRO evoca um sonho do poeta quando criança: ele vê abrir-se um túmulo na estepe e dele sair um cossaco, um velho mago, que o leva para conhecer o que está dentro da sepultura: o menino vê muitos cossacos mutilados e aprende estar aí sepultada a liberdade da Ucrânia. Em seguida este cossaco lhe conta a história da sua vida: a injustiça contra o povo e a terrível vingança dos injustiçados, na qual tombaram também seres inocentes, como sua filha, desgraçada pelos senhores fidalgos. O maior poema deste ciclo é intitulado GHAYDAMAKY; o poeta recebe visita do passado: os ghet'mans cossacos vão assentar-se na sua casa, os cossacos vêm dançar; o mar azul canta, a moça sonha, a estepe azula, o freixo sussurra. . . Ele não está mais só. Então ele se lembra da Confederação Polonesa, quando os nobres pretendiam polonizar e explorar a Ucrânia, provocando com isso o levante do povo.

Não vamos esquecer que é o tempo da Guerra dos Trinta Anos na Europa Ocidental e que nela se travavam lutas religiosas sangrentas entre os católicos e os protestantes, famosas por sua crueldade de ambas as partes. No palco da Ucrânia, as lutas se passam entre poloneses-católicos e os ucranianos-ortodoxos. É evidente que Chewtchenko toma o partido dos ucranianos, já que não foram eles invasores de domínios alheios.

O longo poema conta, como o órfão Yarema, empregado numa casa judia, une-se aos revoltados em torno de Zalizniák, enquanto sua bem-amada Oksana é raptada e levada para o palácio. Depois da sangrenta batalha em Tcherkassy, Yarema liberta Oksana e casa-se com ela, unindo-se em seguida ao exército de Gonta que devasta a cidade de Uman', onde mata seus próprios filhos, nascidos de uma mãe polonesa. Em seguida, ele próprio é preso e esquarterado. Zalizniák morre de tristeza, sabendo

do da morte do companheiro, e os revoltados se dispersam.

Este poema é impressionante pelas atitudes extremistas dos personagens. É inesquecível a cena em que Gonta chora sobre os corpos de seus filhos, cavando-lhes sepultura, beijando seus olhos mortos.

O terceiro ciclo conta as injustiças contra a Ucrânia, cometidas pelo czarismo russo. Em TÚMULO PROFANADO e em TCHYGHYRYN o poeta lembra como os russos reviravam na Ucrânia túmulos antigos nas estepes, procurando tesouros escondidos, encontrando dentro apenas ossadas cossacas. HÁ UMA ALDEIA DE SUBOTIW queixa-se do ghet'man Boghdán Khmelnytsky que fez pacto com a Rússia. IRJAVETS fala do ícone milagroso de Nossa Senhora na igreja dos cossacos que chora pelos seus devotos filhos, derrotados pelo czar Pedro I. No longo poema A GRANDE CAVERNA, o poeta se revolta contra o imperialismo russo na sua pátria. Ele chama esta obra de "mistério" e introduz como personagens narrativas três almas (= três pássaros brancos), três corvos e três tocadores de lira. As três almas contam porque não foram aceitas no paraíso: uma cruzou com baldes cheios o caminho do czar, o que significa, na credence popular, boa sorte; outra deu água para o cavalo do soberano; a última sorriu para a tsarina Catarina II, a "loba faminta da Ucrânia". Os três corvos discutem as novidades políticas, exploração, injustiças. Aí há uma previsão: uma mãe deve dar à luz dois filhos: um será seu libertador, outro seu carrasco. Nesta imagem, o poeta identifica sua pátria. Os três tocadores de lira contam a glória de Ghet'man Khmelnytsky que, no entanto, cometeu o grande erro de confiar em russos. Agora, eles cavam na sua propriedade em Subotiw, à procura da Grande Caverna repleta de tesouros lendários...

Um outro "ludus" histórico, a maior obra de Chewtchenko, é a "comédia" SONHO (Cada um tem seu destino...) O poeta volta ébrio para casa, refletindo sobre a injustiça, justificando seu estado: ele bebe apenas seu próprio sangue, não o sangue alheio. Em seguida tem um sonho, voando atrás de uma coruja, contemplando sua terra natal que lhe parece ser um verdadeiro paraíso,

de tão bela que se ostenta a seus olhos. Aos poucos, ele percebe a desgraça no meio de toda aquela beleza natural: repara como os exploradores tiram do miserável o casaco, junto com sua pele, para fazer desta sapatos para os filhos do tzar; assiste como crucificam uma viúva por não ter tido meios de pagar o imposto, e seu único filho e sustento levam à força para servir na guerra; observa como a moça e seu filho bastardo são rejeitados pelo povo, enquanto seu amante, o fidalgo, vende escravos para poder esbanjar em banquetes. Os verdugos reinam; os cativos trabalham nas minas sob grilhões, para fornecer ouro ao tzar. O poeta sobrevoa uma cidade de cem igrejas e palácios. Um cidadão ridiculariza sua fala ucraniana. Invisível, o poeta penetra no palácio, onde assiste a uma cena bizarra: o tzar e a tzarina, demistificados, parecem-lhe fantoches convencidos, absurdos. O tzar bate no rosto do primeiro fidalgo, este se vinga no menor, o menor num subalterno, e assim por diante as bofetadas se propagam até às ruas, onde o povo se alegra porque o tzar está se divertindo. Visitando a capital russa, o poeta se lembra de que os mais ilustres de seus tzares, Pedro I e Catarina II, eram antropófagos dos ucranianos. Das peles dos cossacos, o tzar fez seu manto de púrpura. Sobre os ossos dos cativos ucranianos, os tzares construíram sua capital.

Os poemas “de destino” abrangem longe a maior parte da obra de Chewtchenko. O poeta narra várias vidas, na sua maioria terríveis, onde predominam injustiça, violência, miséria, exploração, encobrendo sentimentos de amor, fidelidade e a maravilhosa humanidade que perdoa aos malvados e ilumina os sofredores. Com poucas exceções, estes poemas lidam com a realidade em que viveu Chewtchenko.

Alguns destes poemas têm caráter próximo ao folclore; a este grupo pertencem **NO DOMINGO NÃO DANÇAVA**, **O LENÇO**, **O VIBURNO** e **NOSSA CATARINA**. Os três primeiros são poemas de espera pelo bem-amado que não volta. O primeiro partiu como mercador de sal e morreu de peste, e a moça enfeita a cruz de seu túmulo com o lenço bordado, entrando em seguida no convento; o segundo é trazido da guerra morto num

caixão pintado, e a sela de seu cavalo é enfeitada com o lenço bordado por sua noiva; o terceiro desaparece no estrangeiro, e a moça morre de saudade, esperando por ele junto a um pé de viburno. O último poema fala da bela Catarina que tem três pretendentes e promete ser mulher daquele que libertar seu irmão do cativeiro tártaro. Dois morrem neste empreendimento, mas o terceiro, Iván Yarochenko, liberta o jovem. Quando chegam à casa de Catarina, esta confessa ter enganado Iván, pois o libertado é seu bem-amado. Iván decapita com um golpe de sabre a moça traíçoeira e convida o companheiro a sair fora da casa maldita. Os cossacos confraternizam-se na estepe.

De pungente tristeza é a história de CATARINA (um personagem do mesmo nome do poema anterior, mas de caráter inteiramente diferente). A jovem Catarina se encanta por um soldado moscovita e fere a tradição e os costumes da sua sociedade: enquanto o soldado parte para a guerra contra a Turquia, ela tem um filho. A aldeia zomba da infeliz, os pais se vêem obrigados a mandá-la embora para Moscóvia, e ela enfrenta um caminho desconhecido, cheio de obstáculos, pedindo esmola. No meio do inverno, encontram-na tropas de soldados, de volta da expedição, e deboçam da infeliz. Catarina chega a encontrar novamente seu bem-amado, agora oficial, que a despreza. Em vão seus rogos, suas palavras de amor: o jovem nem sequer espera para ver seu filho que Catarina abrigou numa casa bondosa que os acolheu. Vendo que não poderá mover um coração de pedra, Catarina se afoga. Seu filho, mais tarde, torna-se guia de um velho kobzár. Um dia, chega uma rica carruagem com uma família moscovita. A senhora chama a criança para lhe dar alguns trocados. O senhor junto dela reconhece no pequeno Ivás' seu filho, mas finge não conhecê-lo, partindo em seguida. O velho kobzár e o menino rezam ao levantar o sol e seguem seu caminho.

A mãe solteira é o tema do poema SERVA. Ghanna coloca seu filhinho junto ao cercado de uma casa abastada, onde mora um casal idoso sem filhos. Este adota com alegria a criança. Mais tarde aparece uma mulher que é aceita como serva. A vida toda a boa Ghanna se

dedica ao serviço caseiro e ao cuidado de Markó, rejeitando todos os privilégios. O filho cresce, torna-se homem, casa, tem filhos, e Ghanna vai a Kyiw agradecer a todos os santos por sua felicidade. Só no leito da morte ela confessa a Markó ser sua mãe.

A figura materna, tão querida ao poeta, é exaltada também no poema NO NOSSO PARAÍSO TERRESTRE.

De maravilhosa humanidade é o poema O CEGO (uma outra versão do mesmo chama-se PRISIONEIRO): O velho tocador de kobza conta a Stepán que ele é apenas seu filho de criação e que Yaryna não é sua irmã. Stepán parte no dia seguinte para unir-se à Confraria Cossaca, prometendo voltar após dois anos e casar com Yaryna. Ele volta só após muitos anos, cego, pois esteve na prisão turca, de onde tentou fugir, mas os turcos o alcançaram e vazaram seus olhos. Ele foi liberado pelos confrades e tornou-se kobzár, cantando a história da gloriosa Confraria, agora arruinada por Catarina II. Yaryna casa-se com o cego. O casal vive feliz com o velho pai e o filhinho que lhes nasce mais tarde.

SE TU FOSSES SENHOR é igualmente uma narrativa que se mostra solidária com o sofredor: Uma moça é salva de estupro por um jovem que mata o perverso filho do fidalgo. Ele é preso e enviado acorrentado à Sibéria. A moça liberada celebra mais tarde o casamento: com três carruagens chega o cortejo à taberna na estepe; a própria noiva oferece aguardente aos cativos que lá pararam a descansar da sua longa caminhada. Entre eles, a moça vê seu libertador. De noite, quando estão preparando seu leito nupcial, a noiva sai da casa e desaparece: sabe-se depois que ela seguiu o cativo até a Sibéria.

Outras obras contam as injustiças cometidas pelos nobres. No poema PRINCESA, o duque malvado casa-se com uma moça do povo que sofre com este casamento contra sua vontade. Sua única felicidade é a filhinha que dela cuida até a morte. Depois, a princesa estuda em Kyiw. Enquanto o devasso pai festeja e esbanja, o povo sofre fome e miséria. A princesa visita as casas pobres trazendo alívio; ela é chamada de “santa” pelo povo. O pai a viola depois de um banquete. A prin-

cesa incendeia o celeiro e foge, entrando no mosteiro de Tchyghryn, onde morre pouco tempo depois. Um parecido tema possui MARYNA: uma noiva foi roubada pelo fidalgo, e o noivo foi enviado para servir ao exército. Debalde a mãe pede pela moça: a velha é enxotada, mordida pelos cachorros do palácio. Quando o fidalgo quer violar Maryna, esta o mata, incendiando o palácio. Enlouquecida, foge com sua mãe para os campos. Os senhores morrem queimados, e o povo encontra nos campos na primavera os cadáveres da mãe e da filha.

No poema PETRUS', uma família fidalga empobrecida casa sua filha com um velho general, julgando tornar com suas riquezas a jovem feliz. Esta encontra seu consolo no mísero pastor Petrus' que é aceito pelo casal como filho, educado e posto em liberdade. A generala se apaixona pelo jovem e envenena seu marido. Petrus' se acusa perante o povo de crime e é conduzido à prisão na Sibéria.

Na obra O POÇO MOSCOVITA, um órfão casa-se com a filha de uma viúva. Com seu trabalho, consegue comprar uma casa e um pomar. Um antigo pretendente da sua mulher incendeia sua casa e causa a morte da jovem esposa. Mais tarde, o malvado afoga o marido no poço que este construiu para a aldeia. O POÇO DO SOLDADO mostra uma outra versão: Aí, a figura central é um aldeão que chega à beira da santidade. Também neste poema, um órfão casa-se com a filha da viúva e, com seu trabalho árduo, consegue juntar dinheiro para comprar uma casa e um pomar. O povo, ao qual ele é sempre útil, em vez de agradecer, queima-lhe a casa por inveja. A mulher o abandona. Então, o jovem vai servir como soldado, é enviado à guerra e volta à pátria sem uma perna. No entanto, ele aceita os desígnios de Deus, trabalha como escrivão e, no tempo livre, cava um poço na entrada da aldeia, onde planta também um carvalho. Este poço serve como lugar de repouso ao peregrino cansado. O soldado perdona a todos que lhe fizeram mal e morre, deixando uma obra de amor para eles.

Esta atitude de não agressão, de aceitação do destino, não é a única na obra de Chewtchenko. Como ou-

tros exemplos, podemos citar os poemas A BRUXA e O COSSACO. No primeiro, os ciganos encontram no campo uma mulher terrível, com tranças cheias de carrapatos. Ela conta ao mais velho sua história: ainda jovem, tornou-se amante de um fidalgo a quem deu dois filhos. Este a rejeitou, vivendo mais tarde com sua própria filha em incesto e enviando para longe seu filho que nunca mais voltou. A “bruxa”, como é chamada pelas crianças, aprende com os ciganos a arte de curar com ervas. Quando o fidalgo volta doente a sua aldeia, ela resolve curá-lo, perdoando-lhe todos os seus pecados, dedicando sua vida às obras de caridade. Um tema parecido tem o poema CORUJA, porém sem o final humanitário. No poema O COSSACO, um senhor enamora-se de uma camponesa casada e lhe traz ricos presentes, fazendo com que o marido se torne cada vez mais miserável e seja obrigado a abandonar sua pátria e procurar emprego no estrangeiro. A sorte não lhe ajuda, e depois de muitos anos o infeliz volta às escondidas para casa. Sua mulher o traiu com o fidalgo, e este entrega o cossaco ao serviço militar. Mais tarde, ele volta com as mãos mutiladas, mas vendo sua mulher repudiada pelo amante e infeliz, perdoa-lhe os pecados.

Um outro poema, no qual uma alma se humaniza quase no sentido goethiano, é O CATIVO. O elemento salvador aqui é a beleza da cidade de Kyiw, a capital ucraniana: no exílio, o poeta encontrou um cativo da Volínia. Este lhe contou a história de sua vida. Em criança, crescia entre os filhos de um fidalgo e aprendeu a escrita. Mais tarde, o fidalgo recusou-se a vender-lhe a liberdade ou permitir que o jovem se unisse ao exército. Sua noiva foi desgraçada pelo nobre. Quando os filhos do mesmo vieram à aldeia para o casamento, o jovem escravo reuniu moços dos arredores e preparou-lhes verdadeiras bodas de sangue. A partir de então, vivia como salteador na floresta, matando todos os fidalgos sem piedade. Um dia, porém, chegou a ver a cidade de Kyiw com suas igrejas cobertas de ouro, cujos sinos pareciam conversar com o próprio Deus. O salteador chorou então, arrependeu-se dos seus pecados e se entregou ao tribunal humano.

O CORONEL é uma história tragicômica, com partes dialogadas. Talvez Chewtchenko tivesse em mente uma peça teatral. Trata-se de um oficial que cria uma bela órfã e dela se enamora. Seu filho, estudante que acaba de voltar do Colégio de Kyiw, torna-se seu rival, e o pai resolve mandar o jovem embora. Mas os namorados já se entenderam, fogem juntos e se casam na aldeia próxima. O velho, ridicularizado pelo povo, morre solitário, e seus bens ficam para ninguém.

Os únicos poemas sobre o destino que não se referem à Ucrânia são EM VILNA, OS NEÓFITOS e o ciclo de história bíblica que mais serviu ao poeta como paráfrase, para exteriorizar sua revolta contra os tzares, do que o desejo de ser justo com a história.

EM VILNA foi provavelmente uma história verídica que Chewtchenko ouviu relatar naquela cidade: Um estudante, filho de um conde, enamorou-se de uma bela judia e resolveu fugir com a namorada, apesar de todos os tabus entre as duas sociedades às quais pertenciam. O pai da moça descobriu o plano e matou o jovem com um machado, sendo ele próprio morto pela filha que se afogou no rio Vília.

OS NEÓFITOS é a narrativa de uma mãe romana que oferece seu filho ao Capitólio, onde este vive segundo a religião pagã, no meio de bacanais e alegrias. São Pedro converte ao Cristianismo seu grupo que passa a viver em catacumbas. César, que se julga o próprio Júpiter, persegue os cristãos. São Pedro morre crucificado, e o jovem neófito é morto na arena. Transtornada por sua morte, a mãe continua com sua tarefa, proclamando a palavra de Deus nas feiras e nas praças públicas.

O ciclo EM JUDÉIA, MARIA, SAUL e TZARES fala sobre a morte dos infantes inocentes, conta a história da Anunciação de maneira profana, vê a história sagrada pelo prisma da situação política na Ucrânia, mostrando em Saul, Davi, Amon e Santo Valdemiro injustos exploradores, revelando seus crimes e duvidando da sua santidade.

O poeta ucraniano pretendia, tanto pelos exemplos da história, como pelos destinos traçados por ele nos seus poemas, acordar o adormecido sentimento da soli-

dariedade humana, a revolta contra a injustiça, o amor pela liberdade que é a base da fraternidade entre os indivíduos e os povos.

Quando Tarás Chewtchenko morreu, Antônio de Castro Alves tinha quatorze anos de idade.

O Romantismo no Brasil chegou mais tarde, via França, principalmente através do conhecimento da obra de Victor Hugo e de Lord Byron, na tradução francesa. Seu aspecto já é ligeiramente modificado pela influência do estilo Biedermeier que domestica aos poucos os impulsos indomáveis da primeira fase do Romantismo europeu. Assim, Castro Alves, embora fervoroso abolicionista, com sua atitude de alto idealismo, em uma parte de sua obra mostra-se mais gentil do que Chewtchenko, emprestando grande ênfase ao lirismo amoroso, às dedicatórias poéticas, ao culto da sociedade erudita. Uma face da sua arte poética revela versos bastante convencionais e demasiadamente “declarados” conforme o gosto da época. Podem nos servir de exemplo tais poesias “de salão” como O LAÇO DE FITA, O CORAÇÃO, A LUIS, CAPRICHOS, EXORTAÇÃO, A VIOLETA, EM QUE PENSAS? Este é, no entanto, apenas um dos aspectos da sua poesia, pois paralelamente surge o outro de criação viril, de alta expressividade, de imagens e pronunciamentos vigorosos.

Num certo momento, sua arte tange as mesmas cordas próprias ao segundo grupo romântico brasileiro (Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire), saciado pelo amargor irônico de Byron e namorando a Morte, procurando o clima de infelicidade e morrendo com vinte e poucos anos de idade, em geral de tuberculose, que era uma doença da moda.

Também Castro Alves morreu praticamente de amor pela caprichosa atriz Eugênia Câmara. As mulheres de seus poemas são, freqüentemente, senhoras da sociedade, colocadas num ambiente de conforto, ora amorosas, ora irônicas, ora zombeteiras. O amor, portanto, parece-lhes um mero jogo social, mutável, leve, espumante.

Para Chewtchenko, o amor compromete vida e morte. Ele é o fiel companheiro de seus personagens infelizes. O destino trágico não provém do amor e sim das circunstâncias desfavoráveis. As mulheres chewtchenkianas são

geralmente ingênuas, fiéis, predestinadas a sofrer, lembrando Maria da CACHOEIRA DE PAULO AFONSO. Quando são más, pagam pela sua perversidade o maior preço: o preço da vida.

Tanto Chewtchenko como Castro Alves sofriam da solidão, da distância do lar, e principalmente da injustiça cometida a seus semelhantes. Ambos eram repletos de mais nobres e generosos sentimentos.

Antônio de Castro Alves (1847-1871) nasceu perto da vila de Curralinhos, hoje Castro Alves, na Bahia. De certo, a bela paisagem deste lugar, com enormes pedras que impressionam o viajante, e o sertão baiano formaram o espírito do jovem poeta, assim como a estepe com suas figuras de pedra e com os túmulos históricos alimentavam a fantasia de Chewtchenko. No Recife, Castro Alves estudou Direito, tornando-se fogoso orador abolicionista, o que lhe trazia de todas as partes simpatias dos patriotas. Em São Paulo, o poeta continua seus estudos, sendo sempre vivamente festejado pelos colegas. Seus poemas inflamam; Machado de Assis apresenta o jovem, em cuja arte confia, aos leitores do Sul. No entanto, o amor juvenil, impetuoso, o prende nas suas malhas. Para distrair seus freqüentes dissabores, ele se dedica a caçadas, ferindo numa delas um pé, o que causa uma longa enfermidade e, finalmente, sua morte em Salvador.

Pode-se lamentar uma biografia tão brilhante, cortada tão precocemente! Quantas obras de alto quilate poderia ter dado Castro Alves, amadurecido, quando soubesse transformar, sublimar seu sentimento! Citando Ronald de Carvalho: . . . “sua voz se eleva para reivindicar direitos oprimidos, para estigmatizar tiranias inglórias . . . como um incêndio em marcha.” As mesmas palavras poderiam ser ditas sobre Tarás Chewtchenko.

Culturalmente, Castro Alves tinha antecessores brasileiros em Antônio Gonçalves Dias e José de Alencar, os primeiros a descobrir os valores nativos desta terra: sua paisagem trópica exuberante, sua gente sofredora, dotada de coragem e dignidade, tocada pelo encanto da saudade, com raízes bem afundadas na natureza agreste. Enquanto os dois acima citados vão glorificar o índio, de maneira idealizada, Castro Alves vai erguer sua voz can-

tando o escravo negro, fazendo-o com toques bastante realistas, dentro do contexto habitual dos românticos, especialmente em NAVIO NEGREIRO.

Fazer um confronto entre Chewtchenko e Castro Alves não é um empreendimento ocasional. O poeta brasileiro conhecia a Ucrânia através da leitura do MAZEPA de Byron, provavelmente. A poesia SUB TEGMINE FAGI diz:

O pensamento indômito, arrojado,
Galopa no sertão,
Qual nas estepes o corcel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Solta a crina ao tufão.

E o poema dedicado A MACIEL PINHEIRO:

Pálido moço — *como o bardo errante* —
Teu barco voa na amplidão fugaz.
A nova Grécia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

— — — — —

No chão da História o passo teu verás...
Deus, que o Mazepa nos estepes guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Na CACHOEIRA DE PAULO AFONSO lemos:

É lá que o rio indômito
Como o corcel da Ucrânia,
Rincha a saltar de insânia,
Freme e se atira no mar.

— — — — —

Se ao longe vêes teu ídolo,
Ao longe irás também...
Salta à garupa úmida
Deste corcel titânico...
— *Novo Mazepa oceânico* —
Além, além, além.

A imagem de Mazepa era para Castro Alves símbolo da liberdade.

Ambos os poetas, o ucraniano e o brasileiro, estavam marcados pela saudade de suas pátrias (no caso de Castro Alves, no sentido mais estreito). No poema NÓS CRESCEMOS JUNTOS, Chewtchenko volta, após muitos anos, para sua aldeia e a encontra envelhecida, como ele próprio. Seus pais já viraram terra, tudo o que ele conhecia e que lhe era caro: o vale do rio, o campo, os freixos, o poço, o salgueiro inclinado, o lago, o moinho e o carvalho sob o monte parecia-lhe agora escuro e mudo. Ele pergunta pelo destino da pequena Oksana de cabelos anelados com quem ele brincava em criança e ouve que a moça se perdeu: foi atrás dos soldados tzaristas e voltou com uma criança, louca. Depois desapareceu da aldeia. O poeta conclui que ela não teve sorte. Se tivesse tido, alguém a roubou, enganando o santo Deus.

O poema BOA VISTA de Castro Alves é composto na mesma nomenclatura:

Oh! deixem-me chorar! Meu lar... Meu doce ninho!

— — — — —
Como tudo mudou-se! O jardim 'sta inculto,
As roseiras morreram do vendo ao rijo insulto...
A erva inunda a terra; o musgo trepa os muros.
A urtiga silvestre em nós impuros.
Uma estátua caída...

É verdade que a paisagem de Castro Alves é apenas a de um jardim senhoril, simbolizando, talvez, uma propriedade decaída, enquanto Chewtchenko transmite a desgraça de uma aldeia inteira. Mas Oksana de seus poemas nos lembra LÚCIA e MANUELA de Castro Alves: a primeira é moça-escrava, vendida para longe, a segunda uma bela inocente que se torna amante do fidalgo.

A ambos os poetas é característica a profunda sensação de angústia e solidão. Castro Alves compara a si mesmo com AHASVERUS, o eterno judeu:

... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo de existir.

Tarás Chewtchenko, na poesia PENSAMENTOS, pronuncia as palavras:

Ninguém indagara por que choro,
Por que arrasto essa angústia pelo mundo
E meu destino triste assim deploro.
Ninguém me chamaria vagabundo,
Rindo da minha dor com riso alvar.

(Trad. Helena Kolody)

Por fim, ambos os poetas queriam morrer na sua pátria. Em É-ME INDIFERENTE, Chewtchenko fala com amargura:

Cresci no exílio, como escravo,
Pois exilado morrerei
E tudo levarei comigo.
Não deixo nem um rastro leve
Em nossa Ucrânia tão gloriosa,
Em nossa pátria escravizada.

(Trad. Helena Kolody)

E em ESPUMAS FLUTUANTES lemos... “terras do Sul, para onde eu levava o fogo de todos os entusiasmos, o viço de todas as ilusões... e que dessas terras do Sul... volvia agora silencioso e aquebrado... trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha pátria.”

Mais do que nos dados biográficos, os dois poetas são parecidos em seu profundo idealismo, em suas demandas humanitárias, saudando a Liberdade e condenando a opressão. Castro Alves canta a Revolução Francesa. Em PEDRO IVO lemos:

E eu disse: Silêncio, ventos!
Cala a boca, furacão!
No sonho daquele sono
Perpassa a Revolução!

— — — — —

Então repeti ao povo:

— Desperta do sono teu!
Sansão — derrota as colunas!
Quebra os ferros — Prometeu!

A figura mítico-simbólica de Prometeu é uma constante para Chewtchenko e Castro Alves. No seu poema CÁUCASO, de 1845, Chewtchenko empresta a Prometeu o sentido de nação ucraniana escravizada que, no entanto, como o titã, é eterna:

Além das montanhas — montanhas veladas,
De dores cobertas, por sangue regadas.
Uma águia potente
Ao titã injura,
O coração despedaça,
O peito perfura,
Dilacera. Mas não bebe
Todo o sangue vivo
Que de novo lhe renasce
Para rir, altivo.
Assim, também, nossa alma
É livre, eterna,
E a ganância não extrai
O chão da cisterna.
Não prenderá a alma viva,
A palavra, a mente;
Não exaltará seu deus,
Um deus prepotente.

A situação está bem transparente: o emblema da Rússia czarista era uma águia com duas cabeças... Seu “deus” — o czar. O poeta revolta-se contra as forças opressoras czaristas, pois que na Ucrânia

Poder-se-ia afogar
Todos os tzares, filhos, netos
Em lágrimas das viúvas.

Chewtchenko busca o remédio na revolta contra a mentira e a injustiça:

Lutai, irmãos, e vencereis!
Esta é nossa sina:

Conosco está a liberdade
E a verdade divina!

Quão próximos a estas palavras são os versos de
Castro Alves, tirados do poema O SÉCULO:

Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: “À sombra do crime
Há de a vingança marchar.”

Também para Castro Alves, Prometeu é o povo ca-
tivo, não como para Chewtchenko a Ucrânia, escravizada
pelo tzarismo russo, e sim a raça negra, escravizada pelas
nações americanas.

Povo! Povo infeliz! Povo, mártir eterno...
Tu és do cativo o Prometeu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia das Leis.
O pescoço do abutre é o cetro dos maus reis.
Para tais dimensões, p'ra músculos tão grandes,
Era pequeno o Cáucaso... amarraram-te nos Andes.
(PROMETEU)

E nas VOZES D'ÁFRICA lemos:

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...

— — — — —

Cristo! Embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são por fado adverso
Meus filhos — alimária do universo...
Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor, que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão...

Com amargor, em forma tipicamente romântica, feita de uma seqüência de frases interrogativas, também Chewtchenko se dirige a Cristo:

Porque foi que te prenderam
Na cruz, Jesus Cristo?
Pelos justos e a verdade
Que não mais existem?
Ou para que de ti zombem
Com riso intenso:
Templos, ícones, capelas,
Castiçais, incenso...
E genuflexões incansáveis
A Deus sem pecado
Pela guerra, pelo roubo
E sangue entornado!

(CÁUCASO)

A ambos os poetas é próprio o sentimento de fraternidade com os outros povos, especialmente os que se acham em situações menos favorecidas, e com os outros poetas:

Irmão! Prende esta mão de irmão na minha!
Toma a lira — Poeta! Águia! esvoaça!
Sobe, sobe, astro-rei!...

Solidário com Ester (a terceira sombra), na poesia OS ANJOS DA MEIA-NOITE, o poeta a convida:

Canta os martírios de teu povo errante!

Da mesma maneira como os irmãos-poetas da Ucrânia e Polônia, Castro Alves, em solidariedade poética e humanitária com os povos sofredores, condena a figura do tzar, na DEUSA INCRUENTA:

Quando a Polônia — essa Lucrecia nova,
Para fugir a um leito, arroja-se a uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um Czar...

Uma confraternização entre os povos é a idéia marcante na obra de Chewtchenko, como se vê no poema PARA OS POLONESES, onde o poeta lamenta que a polí-

tica da coroa polonesa chegou a separar os dois povos irmãos que tanto se estimavam. Também no poema HEREGE, dedicado a Paulo Chafaryk, o poeta aceita a idéia de união de todos os povos eslavos, com direitos iguais. O que ele não podia aceitar, o que o ofendia profundamente, era a injustiça cometida contra a nação ucraniana (a injustiça histórica) e a injustiça cometida contra sua gente (injustiça social). Dos terríveis crimes políticos falam seus poemas históricos, das injustiças sociais, os poemas “de destino”. O poeta está revoltado contra os tiranos, sejam eles bíblicos, nacionais ou estrangeiros. Castro Alves revolta-se, principalmente, contra a injustiça racial, contra a escravidão dos negros. AO ROMPER D’ALVA diz:

... a escravidão — nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo...

— — — — —

Um grito que soluça, aflito, vivo,
O retinir dos ferros do cativo,
Um som discorde e vil...

Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a criação mais bela
De tua inspiração.
O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da América manchado,
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —
Toldam teus rios — lúgubres Eufrates —
Dos servos do Sião.

E as palmeiras se torcem torturadas,
Quando escutam dos morros nas quebradas
O grito de aflição.

Castro Alves previa que a Abolição da escravidão causaria graves problemas econômicos aos paí's, mas seu humanismo era mais forte. Como Chewtchenko, ele se preocupa com o destino das mães, viúvas e órfãos. A ÓRFÃ NA SEPULTURA fala da menina que chora a morte da sua mãe querida que costumava rezar de madrugada, pedindo a Deus que um dia sua filha pudesse ser livre e feliz. A semelhança desse poema com o SONHO (Ceifava trigo...) de Tarás Chewtchenko; é abaladora; aí, uma mãe,

que é obrigada a ceifar trigo no campo do senhor com a criança ao colo, adormece, exausta, sonhando que seu filhinho se torna livre. O amor, a ternura de Chewtchenko pelas mães e crianças são verdadeiramente lendários, e Castro Alves comunga do seu sofrimento, reparando na sua desgraça:

Ó Mãe do cativo! Que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

(A MÃE DO CATIVO)

A passagem talvez mais cruciante na obra de Castro Alves, sob o ponto de vista expressivo, na sua potência de visualizar uma cena com pinceladas firmes e cores drásticas, é o NAVIO NEGREIRO, especialmente a IV parte:

Era um sonho dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar...
Negras mulheres suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães.
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágoa vãs.

A CANÇÃO DO AFRICANO possui um colorido bem parecido com aqueles quadros que Chewtchenko pinta dos camponeses ucranianos do seu tempo:

O escravo então foi deitar-se
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado
Pois bastava escravo ser.
E a cativa, desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,

Talvez temendo que o donô
Não viesse, em meio do sono
De seus braços arrancá-lo!

Lucas, na CACHOEIRA DE PAULO AFONSO, revolta-se contra a terrível injustiça dos senhores, sabendo que sua Maria foi vítima do perverso meio-irmão nobre:

Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios inflamados da vendida. . .
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a boca ressequida. . .
E mais tarde, nas sombras do tuturo,
Não descobrir estrela foragida. . .
E ver — viajante morto de cansaço —
A terra sem amor! . . . — sem Deus — o espaço!
— — — — —

E do lodo no lodo sacudido
Ver que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo há mancha nova. . .
No berço. . . após no toro. . . após na cova! . . .

A TRAGÉDIA NO LAR descreve uma cena revoltante, dolorosa até o âmago da sensibilidade humana: um senhor, sem piedade, arranca uma criança dos braços da mãe-escrava e a vende, pois o filho da cativa tem tanto valor quanto uma rez. Debalde os choros da mãe infeliz. É dilacerante a súplica da desgraçada, tentando ainda comover os corações de pedra. Lembramos a cena do poema MARYNA de Chewtchenko, onde a mãe infeliz vai ao palácio pedir por sua filha. Também em SÚPLICA de Castro Alves vemos um quadro chocante que bem se conhece da obra de Chewtchenko: “o chicote acorda o pobre escravo” e “ante os olhos do irmão em prostitutas transformam-se irmãs”. Cenas de estupro apresentam poemas chewtchenkianos também, como cenas de incesto entre o pai-fidalgo e sua filha-bastarda. Podemos afirmar que todo o ciclo OS ESCRAVOS está composto no mesmo espírito de poemas “de destino”. Tanto os heróis de Castro Alves, em CACHOEIRA DE PAULO AFONSO, como muitos heróis de Chewtchenko, principalmente heroínas infelizes, procuram morte voluntária. Lembremo-nos da pobre Ca-

tarina! Õs amantes Lucas e Maria resignã-m-sê a sofrer a desgraça sem vingança, procurando a liberdade na morte úmida da cachoeira, para onde está sendo impelida sua canoa:

— Doida! doida! é a voragem que nos chama!

— Eu ouço a Liberdade!

— — — — —

A celeste Africana, a virgem-Noite
Cobria as faces... Gota a gota os astros
Colhiam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infinito suspirou nos ares...

— — — — —

A canoa rolava! ... Abriu-se a um tempo
O precipício!... e o céu!...

No DERRADEIRO AMOR DE BYRON, o poeta inglês confessa à condessa Guiccioli que sua última amante é a Liberdade. O próprio Castro Alves no ADEUS, MEU CANTO, assim saúda a inspiração poética:

Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

— — — — —

Ave de arribação, voa, anuncia
Da Liberdade a santa primavera.

— — — — —

Ergue-te, ó luz! — Estrela para o povo,
— Para os tiranos, lúgubre cometa.

— — — — —

Irmão do pobre — viverás, meu canto.

— — — — —

Traze a benção de Deus ao cativo,
Levanta a Deus do cativo o grito!

O poema CONFIDÊNCIA diz:

... a Liberdade

Abriu sua alma — urna da verdade,
Da esperança e do amor...

e o poema AMÉRICA:

Ó, Pátria, desperta...

— — — — —

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nódoas te são!
Não manches a folha de tua epopéia
No sangue do escravo, no imundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos píncaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante.
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.

Também a ODE AOS DOUS DE JULHO, um poema
excitante, fogo, canta a Liberdade. E O VIDENTE ante-
cipa as sensações sublimes do patriota Castro Alves:

... ouvindo nos espaços as loucas utopias
Do futuro cantarem as doces melodias
Dos povos, das idades a nova promessa
Me arrasta ao infinito a águia da inspiração...

— — — — —

E enquanto sob as vinhas a ingênua camponesa
Enlaça às negras tranças a rosa da devesa;

Dos Sáaras africanos, dos gelos da Sibéria,
Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,
Dos mármoreos lascados da terra santa homérica,
Dos pampas, das savanas desta soberba América,
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!

— — — — —

Ao sol da independência que irrompe no horizonte.

— — — — —

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!
São livres os escravos! Quero empunhar a lira...

Esta já é uma visão cósmica que abraça fraternalmente o globo terrestre. A Liberdade é a “deusa incruenta” do poeta:

Rugiram de terror ao vê-la o rir sublime
O sátrapã, o chacal, a tirania, o crime...
O abutre, o antro, o mocho, a escravidão!...
(DEUSA INCRUENTA)

Só um grande poeta e só uma personalidade com sentimentos nobres e generosos poderia ter pronunciado as palavras que Castro Alves dirige ao estandarte do Brasil, em NAVIO-NEGREIRO:

Tu, que da Liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Tudo nos impele a admirar ainda hoje estes dois poetas, unidos pela mesma grandeza da alma que podemos caracterizar com as palavras do mais jovem, tiradas das notas explicatórias às ESPUMAS FLUTUANTES, lá referindo-se a Napoleão e Victor Hugo:

“E depois serem gênios não serem irmãos? E depois não é predestinação esta confraternização de exílio? Estes dous postes? Estes dous mares? Estas duas solidões?”

E parece que foram escritas a Chewtchenko e a Castro Alves pessoalmente as palavras que lemos em QUEM DÁ AOS POBRES EMPRESTA A DEUS:

É santo o laço, em qu’hoje aqui: s’estreitam
De heróicos troncos — os rebentos novos!
E que são gêmeos dos heróis os filhos,
Inda que filhos de diversos povos! w. s.



YURY SOLOVIJ: PROJETO AO MONUMENTO A
TARÁS CHEWTCHENKO EM BUENOS AIRES

O monumento compõe um pesadelo de portas, fechaduras, cadeados, grades, grilhões que pendem sobre a humanidade oprimida. Um constante toque de sirene nele instalado seria alerta para os tempos futuros.

O SONHO

O S O N H O
(Comédia)

Tarás Chewtchenko

(O poema O SONHO está composto em conjuntos de versos de ritmos diferentes. Dentro do mesmo conjunto, há mudanças repentinas no comprimento dos versos, com síncofes e elipses, que caracterizam o verso chewschenkiano como “verso emotivo”).

“O Espírito da Verdade, que o mundo não pode aceitar, pois não o vê nem o conhece.” João, XIV, vers. 17

Cada qual tem seu destino,
Seu caminho vasto;
Um constrói, um destrói:
Com olhar nefasto
Os confins do mundo mede,
Busca a terra nova
Para espoliar e consigo
Levar para a cova.
Um descasca com baralho
Uma casa amiga,
Um afia às escondidas
A arma fratricida.
Um, quietinho, piedoso,
Manso, mas atento,
Como um gato se aconchega,
Aguarda o momento —
Zás! teu fígado perfuram
Garras venenosas;
Não adiantam choros-rogos
Dos filhos, da esposa.
Um, magnânime, edifica
Igrejas, capelas,
Diz-se o protetor da pátria
Acendendo velas
Ao beber seu sangue vivo —
Qual água, malvado,

E os compadres calam, tolos,
De olho esbugalhado.
Como ovelhas: “Pois que seja,
Talvez, é preciso.”
É preciso! pois não reina
Deus no paraíso!
Vós que padeceis no jugo
Desta sina triste
Aguardais um céu na terra?
O céu — não existe.
É quimera. Tomai juízo,
Irmãos e inimigos:
Os filhos de Adão são tzares,
Tanto o são mendigos.
Mais aquele... mais aquele...
E eu, boa gente?
Dia e noite só festejo —
Triste ou contente.
As censuras não me atingem,
Ergo o copo cheio,
Pois eu bebo o próprio sangue,
Não sangue alheio.

Voltando ao longo do cercado,
À noite, após banquetear,
Assim me pus a matutar
Até chegar a meu reinado.
Não gritam filhos no meu lar,
A esposa — não ralha,
Sossego se espalha,
Paira o divino bem-estar
Na casa e na alma.
Deitei-me, com calma.
E quando dorme um beberrão.
Nem dos canhões a salva
Consegue acordá-lo então.
Um sonho estranho vem ao ébrio:
Até o mais sóbrio
Queria estar embriagado,
O avaro teria dado
Um bom ducado, por olhar
Visões que tive ao sonhar:

Uma ave augural, escurã,
Uma coruja taciturna
Levanta o vôo sobre os prados,
Verdes campos e descampados,
Largas estepes, povoados,
Rios alados.

Eu sigo com pesar profundo,
Despeço-me do mundo:

“Adeus, mundo, adeus, terra,
País inimigo,
Minhas dores, minhas mágoas
Levarei comigo.

A ti, minha pobre Ucrânia,
Viúva sem sorte,
Visitarei das alturas,
Das nuvens da morte.

Vamos consolar-nos, tristes,
Com amor intenso,

Eu te cubro à meia-noite
Com orvalho denso.

Virei, até o sol desponte
E tu não mais chores,

E teus filhos se revoltem
Contra os invasores.

Adeus, minha mãe querida,
Viúva cativa,

Crie os filhos: Deus é dono
Da verdade viva!”

Vejo: eis o sol desponta,

O Leste chameja

E o rouxinol da floresta

Seu dia festeja.

Os ventos tornam estepes

Encantados magos,

Os salgueiros verdejantes

Miram-se nos lagos.

Os pomares se inclinaram

Do fardo pesado,

Quando os freixos, como guardas,

Falam com o prado.

Esta terra benfazeja
Em beleza nata
Florescente, banha o corpo
No orvalho de prata
E saúda o sol nascente
Dos confins dos ermos,
E não há princípio nisso,
Não existe um termo.
E ninguém é tão potente
Para destruí-lo...
Por que triste estás, minh'alma,
Ao mirar aquilo?
Ó pobre alma, por que choras
Lágrimas amargas?

Por que tenho pena? Pois tu não enxergas,
Não ouves soluços doloridos no ar?
Então, abre os olhos, enquanto voar
Acima das nuvens cinzentas comigo.
Lá não mais existem governo, castigo,
Não ouve-se risos nem prantos soar.
Repara! No teu paraíso de lendas
Arrancam do mísero a veste em remendas,
Com couro a arrancam! Pois devem calçar
Filhotes do tzar. Ó cenas horrendas!
A viúva não paga o imposto. A rir
A pregam na cruz. E sua esperança,
Seu único filho, da idade fiança,
Algemam e levam à força servir
No exército. Vê! Sob a cerca — criança
Inchada de fome. Sua mãe — ai que dor!
Trabalha no campo do rico senhor.

E lá — vejam olhos, olhos!
(Por que não dois pregos?)
Por que, olhos, não ficastes
De lágrimas cegos?
A perdida. Com seu filho,
Cansada, desfeita,
Os próprios pais não a querem,
Todos a rejeitam,

Até o mendigo a despreza —
E o senhor — ignora,
Com a vigésima, as almas
Bebendo devora.
Ouve Deus além das nuvens
Nossos choros, prantos?
Talvez ouça, como os montes
Que sepultam tantos
Ancestrais, regados sempre
De sangue humano . . .
Minh'alma, tu infortunada!
Vamos embriagar-nos
Com as ervas venenosas,
Dormir sem alento,
Mandaremos até a Deus
Este pensamento:
Quanto reinarão verdugos
No mundo sangrento?

Voa tu, meu canto, meu cruel castigo,
Leva junto mágoas, lágrimas e dor,
Tua companhia, teu amargo amor.
Suas mãos te embalaram, pesadas. Contigo
As leva, soltando nos ares de anil
A horda maldita, o presságio vil.

Que negreje, que chameje,
Labareda sobre,
Que o dragão com bafo podre
Cubra o chão de morte.
Meu coração, eu o guardo
Em qualquer recanto
E buscarei paraíso
Sem ti, triste canto!

De novo vôo sobre a terra,
De novo me despeço dela.
É penoso o abandono
Do lar sem telhado,
Mais penoso é ter na vista
Lágrimas, andrajos.

Estou voando. O vento gela,
A neve ao redor branqueia.
Sobre pântanos, colinas —
Ermos, lácteas neblinas.
Não ouço o ser que aí habita,
Não vejo rastros dos seus pés —
Meus inimigos! Pois adeus!
Não voltarei nem de visita.

Festejai, embriagai-vos
Com sangrento vinho!
Entre as neves, para sempre
Dormirei sozinho.
Até que enfim descobrires
Um país formoso
Não regado pelo sangue,
Terei meu repouso...
Descansarei... Eis que escuto
Os grilhões dos presos
Arrastar-se sob a terra.
Oh, povo perverso!
De onde vieste? O que fazes?
O que buscas, cego,
Sob a terra? Nem nas nuvens
Acharei sossego,
Nem no céu!... Por que me esmaga
Esta dura farda?
A quem fiz um mal terrível?
Que mão, tão pesada,
No coração bota chamas,
Mas no corpo a alma
Escraviza e como a corvos
Meus cantos espanta?
Por quê — não sei — mas sofro penas
Sem sono e descanso.
Quando terei um alívio,
Em que dia alcanço
O fim do martírio?

Mexeu-se o ermo desolado:
Como do túmulo apertado

Cadáveres a terra invadem
Para ouvir do Juiz Verdade.

Não são mortos os que vieram
Pedir julgamento!

E sim, com corpo e alento
Vivos, em algemas!

Arrancam ouro das minas
Para molhar goela

Ao ávido... são cativos.

Sabe o prepotente

Se por crimes, ou por serem

Os filhos da gente...

Um gatuno carimbado

Com grilhões pendentes,

Um ladrão martirizado

Range com os dentes,

Quer matar o companheiro

Já quase acabado.

E no meio, de cadeias

No corpo e mais nada,

O rei do universo sofre, —

Cabeça raspada.

Não chora de dor, não geme

E não pede nada.

Seu coração incendiado

De bem — não se apaga.

Onde estão teus cantos — flores primorosas,

Audazes, cuidadas crianças formosas?

A quem tu as legaste, meu amigo-irmão?

Ou na alma lhes deste sepulcro? Oh, não!

Não prenda-as, irmão! Espalha-as na terra,

Que cresçam no meio da gente fraterna.

Tributo ainda? Ou, já basta?

Basta, basta, pois geada

O pensar embala.

De novo vô. O mundo gira,

Dormita a mente, a alma esfria.

Reparo: casas junto a estradas

E cem igrejas enfeitadas.
Nos burgos, entre tantas obras,
Eis os campônios em manobras:
Alimentados, bem calçados,
Mas em algemas — são soldados!
Exercitando... Olho e vejo:

Na baixada, como em cova,
A cidade — toda nova! ¹⁾
Sem limites, sobre o brejo,
Sob a nuvem que negreja.
Talvez — turcomana,
Talvez — alamana,
Talvez — moscovita...
Palácios, igrejas,
Senhores com pança —
Nenhuma choupana.

Anoitece. Surgem fogos
De todos os lados,
De dar susto. “Hurra! Hurra!”
Gritam extasiados.

“Gritais, porque pegais fogo,
Gente desvairada?”
“Que campônio! Tu não sabes
Que temos parada?
ELE PRÓPRIO se digna
Hoje estar contente.”
“Onde está vossa tetéia?”
“No palácio, rente.”
Aos empurros — um patrício.
Dei uma topada
Nos botões de zinco. “Donde
Vieste, camarada?”
“Da Ucrânia.” “Não conheces
A fala erudita
Das pessoas cá do Norte?”

1) St. Petersburgo, fundada em 1703.

“A linguagem dita
Sei falar, porém não quero.”
“És estranho, vejo,
Mas eu sirvo aqui e conheço
Todos os manejos.
Com prazer te levo à corte,
Podes ir comigo,
Mas solte uma gorgetinha
Para teu amigo!”
“Vai-te embora, desprezível,
Mísero tinteiro!”
E de novo invisível
Caminhei certo
Até chegar ao palácio.
Que esplendor, que cores!
Deus do céu! Eis porque todos
Estes lambedores
De sobejo. Eis O PRÓPRIO —
Alto, carrancudo
Vem chegando. E a seu lado
Tzarina pontuda
Como vara, — um bagulho
De cabeça bamba,
Cogumelo ressequido
Sem encanto e graça.
Esta é a deusa tão cantada?
Oh, que desencanto!
E eu, tolo, acreditava,
Sem te ver, no encanto
Que contavam teus cantores
De focinhos chatos
Nos borrões de seus poemas,
Comprados barato.
Como sou singelo, bobo!
Dei fé numa lenda
Moscovita! Eis que cai
Dos olhos a venda!
Atrás dos deuses — pançudos,
Beiçudos senhores,
Qual uns porcos bem cevados,

Em prata e em ouró.
E suando, se empurrando,
Querem chegar junto
Dos ídolos, que se dignem
Lhes dar um cascudo,
Um bofetão. Pelo menos
Um soco, ou meio,
Mas plantado bem na cara.
Colocaram-se na fila
De língua amarrada.
O tzar fala em estrangeiro,
E sua tzarina,
Qual ema por entre as aves,
Pernalta, saltita.
Muito tempo passeavam
Qual mochos inflados
E baixinho conversavam —
Não ouvi de lado —
Sobre a pátria, me parece,
E as forcas peritas,
E manobras eficientes! . . .
Depois a tzarina
Assentou-se num banquinho.
O tzar que chegara
Perto do mais alto, dá-lhe
Um soco na cara.
Tonteando, o pobre diabo
Dá um murro medonho
Na barriga do próximo.
Este caratonho
Dá um bofetão entre as costas
Ao menor coringa,
Com um coice no inferior
O dito se vinga.
E o inferior os mais miúdos
Batuca e amassa
De outro lado da soleira.
E a mísera massa
Com desvario, sem parar,
Berra: “Diverte-se o nosso tzar!

Hurra! Hurra! A-a-a!"
Dei gargalhadas a valer,
E apanhei deveras.
Muito tarde, todo o mundo
Caiu por terra.
Os náufragos ortodoxos
Ao gemer, deitavam,
E, gemendo, ao bom Deus
Pelo tzar oravam.
Era de rir e de chorar!
Caminhei sem guia
Na cidade: só palácios,
E noite é qual dia.
Sobre o rio silencioso
Com margem calçada
De pedra, eu olho absorto.
De alma desvairada.
Um pântano em um milagre
Aqui transformaram;
Quanto sangue de inocentes
Aqui derramaram
Sem uma arma! Eis o forte,
Eis o campanário
Tão pontudo como agulha:
Que estranho cenário!
Os relógios tricolejam,
E, virando as costas, —
Um cavalo com seus cascos
Despedaça a rocha !
Sobre o dorso — cavalheiro,
Sem boina a cabeça,
Coberta com uma folha —
Bizarra quimera!
Seu cavalo a empinar-se
Salta para frente,
Pelo rio. E ELE PRÓPRIO
Sua mão estende
Para tomar nossa terra,
O universo inteiro.
Sobre a pedra está gravado:

“SEGUNDA A PRIMERO”. 2)
Compreendi como surgiu
Essa maravilha:
O Primeiro crucificou
A nossa Ucrânia,
E a Segunda injustiçou
Viúva e orfãzinha.
Antropófagos! Carrascos!
De usura eterna
Quais tesouros carregastes
Para vosso inferno?
Senti um peso de pedra
Na alma angustiada,
Como se eu lesse a história
Da própria Ucrânia.
Neste tempo, algo estranho
Baixinho cantava,
Algo triste e invisível:

“Da cidade de Ghlukhiw 3)
Munidas cohortas
Saíam às obras.
E eu fui chamado
A capital com cossacos —
Ghet'man soberano! 4)
Oh, meu Deus, misericórdia!
E tu, tzar-tirano,
Tzar maldito, traiçoeiro,
O que tu fizeste
Dos cossacos? Com seus ossos
Pântanos encheste.
Esta capital ergueste
Sobre os santos corpos
De cossacos massacrados,

2) O monumento foi erguido pela Catarina II (1729-1796) a Pedro I (1672-1725).

3) De 1708 aos meados do século XVIII — capital dos ghet'mans ucranianos.

4) Pauló Polúbotok, morto em 1724, no forte de Pedro e Paulo.

E, vivo entre os mortos,
A mim, ghet'man, tu com fome
Mataste no inferno
Do teu cárcere terrível.
Nem o Deus eterno
Livrar-nos-á, um do outro,
Presos com algemas.
Como amargo é o destino
Sobre o rio Neva.
Ucrânia, lá, ao longe,
Talvez nem existe,
Como ave eu voaria,
Mas Deus não permite.
Talvez Moscou a queimara,
O Dnipró preclaro
Derramara no mar azul,
E os túmulos altos —
Nossa glória — revolvera...
Meu Deus, piedade!”
E calou-se. Mas a nuvem
O céu claro invade.
E na nuvem algo uivando
Qual bicho do mato.
Não é nuvem. É pássaro
Que desce voando,
E sobre o tzar desumano
Vem se lamentando:
“Somos contigo algemados,
Dragão monstruoso,
No Juízo Final não busques
A Deus generoso,
Nós de ti o esconderemos.
Na tua geleira
Arrastaste nus, famintos
Para o estrangeiro.
Pois de púrpura teu manto
Foi-nos arrancado:
Nossa pele! e com duras
Veias costurado.
Tu fundaste esta cidade
Em régio vestido:

Alegra-te, mau carrasco,
Maldito, maldito!”

Dissipou-se. O sol se erguia,
E tudo ouvido
Gravou-se profundamente
Em mim, comovido.
Os humildes, ao trabalho
Cedo se apressavam,
E nos campos, os recrutas
Cedo manobravam.
Pelas ruas caminhavam
Cansadas meninas,
Não da casa, para a casa!
As mães impeliam
A trabalhar toda a noite
Pelo pão de dia.
Eu, curvado, cismo, penso
Como muita gente
Tem que ganhar seu pão duro,
Amargo, dolente.
Eis se apressam ao senado
Os nossos compadres
Para apor assinaturas
E roubar, covardes,
Seus pais, irmãos... E entre eles —
Os compatriotas
Em russo já mandam brasa
E riem e arrotam,
Maldizendo os genitores,
Pois que não souberam
Tagarelar em alemão
E tolos morreram.
Talvez o pai a última rez
Tivesse vendido,
Para que seu filho fosse
Em russo instruído.
Sanguessugas! Vês, Ucrânia,
A prole distinta,
Tuas flores primorosas,
Regadas de tinta...

Com veneno moscovitá,
Na estufa estrangeira
Abafados!... Chora, ó mãe,
Sem filhos-herdeiros!

Fui olhar o que se passa
No salão da festa:
Numa fila se puseram
Oficiais, nobreza.
Barrigudos, bufam, roncam —
Uns perus inflados!
Para a porta, de soslaio,
Olham intrigados.
Abriu-se afinal a porta,
E pra frente avança
Um urso enorme, ⁵⁾ mostrando
Sua vil carranca,
Tão inchada e azulada:
A ressaca braba
Torturava. Deu um urro
As panças infladas,
E os inflados dentro do chão
Somem, esvaecem.
Ebugalhou o urso os olhos, —
Todos estremecem
Que restaram. E o raivoso
Aos seus inferiores
Grita. Veja: Somem estes,
E ainda menores.
Ele urra aos serventes,
E estes desvanecem,
Dá berros a seus soldados —
E desaparecem
Sob o solo. Tão estranho, —
Terra desolada...
Eu indago: qual seria
O fim da charada?
Meu ursinho está trombudo,

5) O tzar Nicolau I.

Tão só, com certeza.
Onde se meteu temível,
Feroz natureza?
Igual a um gatinho manso...
Dei uma risada.
Ele gaguejou, coitado.
Com esta virada
Assustei-me, despertando
Dos quadros danados
Que só vêem os malucos
Ou embriagados.
Pois desculpem, meus amigos,
Por este relato:
Foi um sonho extravagante.
Nada de sensato.

ÍNDICE

	pg.
O ENCONTRO DAS IDÉIAS NA OBRA DE TARÁS CHEWTCHENKO E DE ANTÔNIO DE CASTRO ALVES	7
O SONHO	41

